



Economia Solidária: Extensão e incubação em época de distanciamento social.

CARLOS GASSEN NASCIMENTO¹; BRUNA SIGALES²; HENRIQUE ANDRADE FURTADO DE MENDONÇA³; ANTÔNIO CRUZ⁴

¹Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – carlos8_gn@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – bruna.sigales@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – henriqueafm@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) – antoniocruz@uol.com.br

INTRODUÇÃO

Neste texto, apresentamos as atividades de extensão do projeto “Apoio as feiras de economia solidária da Associação Bem da Terra – comércio justo e solidário”, vinculado ao Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Tecnologias Sociais e Economia Solidária (TECSOL) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e as dificuldades e resultados contingentes de não poder realizar atividades presenciais durante a pandemia do COVID-19 e assim desenvolver formas alternativas para a execução do projeto.

Como indicado no próprio nome do Núcleo, trabalhamos com a incubação de Empreendimentos de Economia Solidária (EES), aqui definida como uma alternativa ao modelo convencional de trabalhar, produzir e consumir, sendo a principal diferença a autogestão, ou seja, trabalhar sem chefe; a propriedade do empreendimento é coletiva e o trabalho é cooperado e horizontal (SINGER, 2002), isto é, autogestionário.

Na autogestão, tudo que diz respeito ao EES está ao alcance de todas as pessoas incluídas nele, podendo existir variações de renda, delegações de trabalho, etc. No entanto, tudo será decidido pelo coletivo inteiro, através de assembleias participativas, que usam de ferramentas democráticas como consenso ou voto (NASCIMENTO, 2020).

A Incubação de EES é o processo pelo qual grupos de educadores, como o TECSOL-UFPEL (podendo ser também uma ONG ou órgão público), auxiliam grupos de trabalhadores e trabalhadoras que buscam se tornar EES. O trabalho se dá através de interação pedagógica com os processos autogestionários e coletivos do grupo, estimulando autonomia e auto-análise, realizando oficinas de formação, criando contatos, e disponibilizando, no caso de Incubadoras Universitárias, os conhecimentos e espaços da academia. A postura de quem faz incubação não é de transmitir conhecimento, mas de construir junto ao grupo (CRUZ, 2005).

Os EES e suas trabalhadoras e trabalhadores são o “público” do TECSOL, sejam cooperativas, associações, ou grupos informais. Atualmente são cerca sete EES, urbanos e rurais (sendo 6 de produção e 1 de consumo) atendidos pelo TECSOL, além de duas redes empreendimentos, uma de grupos produtivos e outra de grupos de consumo responsável de caráter microrregional. Diante do distanciamento social e da realidade determinada pela COVID-19 (BRASIL, 2020), decidimos continuar nossas atividades de extensão, experimentando novos métodos, a partir de atividades remotas, mesmo considerando que parte expressiva de nosso “público” não costuma lidar com dispositivos informacionais

para comunicação. Nossos objetivos, neste momento, são os seguintes: estimular e orientar as pessoas associadas aos EES no uso de ferramentas de comunicação via internet; manter-nos disponíveis para participar das atividades dos grupos que já vínhamos auxiliando e projetos ativos; fomentar a EcoSol na cidade e região, continuar buscando atividades novas e manter atividades de formação entre pessoas interessadas em EcoSol, dentro e fora da Universidade.

METODOLOGIA

A EcoSol funciona muito bem associada à Educação Popular (EP), pois ambas valorizam o conhecimento pré-existente do seu público e território. A EP nos demonstra que a pedagogia precisa ser crítica, para quem ensina e para quem aprende, as relações pedagógicas “burocráticas” que se propõe como neutras, tendem a manter o domínio de “educadores” sobre “educandos” e prejudicar o desenvolvimento de autonomia e construção de conhecimento (TIRIBA, 2007).

A postura de educador popular e pesquisador participante implicam no diálogo entre universidade e comunidade, troca de saberes, desenvolvendo tanto extensão como pesquisa em um modelo bidirecional onde todos envolvidos escutam e falam, aprendem e ensinam, juntos (TIRIBA, 2007). Através deste método horizontal e participativo que aprendemos a utilizar as ferramentas digitais e virtuais e construímos espaços de formação e atuação junto às pessoas com quem trabalhamos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre as atividades que se mantêm ativas, estão:

1. Participação na coordenação da Associação Bem da Terra (ABdT) (rede de EES de produção, de Pelotas), como entidade representante das entidades de apoio Espaço que nos traz responsabilidade de estar presente nas reuniões da coordenação, nas assembléias mensais e fazer parte das tomadas de decisões que dizem respeito a ABdT.
2. Incubação da Feira Virtual Bem da Terra, atuando em parceria com o Núcleo de Economia Solidária e Incubação de Cooperativas (NESIC) da Universidade Católica de Pelotas (UCPel) e o Núcleo de Economia Solidária (NESOL) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense campus Pelotas (IFSul). O Centro de Distribuição da Feira Virtual está incubado junto ao espaço físico do TECSOL, dentro do prédio da antiga Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), hoje de propriedade da UFPel.
3. Uma nova atividade, iniciada em julho de 2020, se refere à Incubação da Rede Sofá na Rua. O “Sofá” é um coletivo que organiza eventos culturais mensais no bairro Porto, em Pelotas-RS e que atrai crescente atenção de um público predominantemente jovem da cidade. O grupo procurou o TECSOL para conhecer mais sobre EcoSol e solidificar seus processos autogestionários, assim como estimular um processo de organização democrática e autogestionária dos produtores e produtoras que fazem uma feira paralela ao evento cultural.
4. Participação no processo de Acreditação da ABdT: este é um processo de acreditação agroecológica e de economia solidária, desenvolvido de forma



coletiva e participativa por produtores/as da associação, consumidores da Feira Virtual e técnicos apoiadores de Universidades, como a UFPel, Universidade Federal de Rio Grande (FURG) e UCPel, além da Emater-RS, Embrapa e outros independentes.

5. Web-chimarrão do Tecsol-UFPel: economia solidária e tecnologias sociais em debate - O Web-Chimarrão é um evento de formação, registrado como projeto unificado, que consiste em um ciclo de debates, desenvolvido em uma série de 12 encontros virtuais correspondentes as 12 semanas do Calendário Alternativo da UFPel. É um espaço onde se debatem assuntos relacionados à EcoSol, tema central de interesse do Núcleo. Os encontros se dão em forma de debate aberto entre os participantes de vários lugares e entidades/instituições do Brasil, partindo de um texto disparador, indicado pela pessoa convidada. Foram 99 pessoas inscritas e a média de participação tem sido de 40 pessoas por encontro. Nós obtemos *feedback* dos encontros e controlamos a presença através de um formulário semanal com uma pergunta simples e aberta. Os debates têm sido muito produtivos, tal qual o alcance de participantes, que vão desde pessoas da comunidade, produtores/as, professores/as e estudantes de todo o País.

A crise decorrente da pandemia da COVID-19 nos deixou incertos com a perspectiva da nossa atuação como incubadora no contexto da EcoSol. No primeiro momento, perante a crise sanitária e as medidas drásticas, mas essenciais, de distanciamento social e interrupção de atividades acadêmicas presenciais, fomos tomados de perplexidade e dúvida, já que um dos principais pilares da EcoSol é o encontro entre pessoas, as trocas de narrativas, interações, tecnologias e também a venda de produtos. Estaria em risco o “encontro entre quem consome e quem produz” as mercadorias dos EES? Sem este espaço de interação, como promover a Economia Solidária?

Ao longo de testes, análises e conversas sobre nossas estratégias de intervenção, acabamos por perceber que os espaços virtuais, mesmo sendo mais tecnologicamente desafiadores, menos acolhedores e, eventualmente, menos acessíveis, são ambientes produtivos para se trabalhar de forma autogestionária. Perdemos uma parte do calor humano presencial, dos momentos pré e pós-reunião, mas ganhamos em facilidade de combinar horários e possibilitar encontros que seriam difíceis de acontecer presencialmente. Também percebemos que, ao se adaptar às tecnologias digitais e virtuais, o fluxo das assembleias que participamos, ou seja, as falas, as pautas e as deliberações, se tornaram mais assertivas e organizadas.

Da maneira que observamos a apropriação deste espaço por produtores e produtoras, tanto da cidade quanto do campo, podemos prever que será de grande utilidade no pós-pandemia, pois vão facilitar muitos encontros que eram difíceis de acontecer. Havia muita resistência em adotar tecnologias e ferramentas digitais/virtuais entre as pessoas com quem atuamos, porém, a necessidade do momento precipitou o ímpeto de se flexibilizar. Por exemplo: o meio virtual vai servir de ferramenta de acolhida e formação de novos grupos para a ABdT, uma atividade muitas vezes desfalcada pela dificuldade de organizar encontros. Igualmente, será uma “carta na manga” para lidar com situações específicas no futuro.



CONCLUSÕES

A EcoSol emerge com força durante momentos de crise econômica, pois é uma alternativa ao convencional, sendo assim, ela se aproveita de estratégias criativas para enfrentar momentos de necessidade. De acordo com Dejours (2012), quando o assunto é trabalho, não há como prever como um problema será resolvido e como trabalhadores/as vão recebê-lo e enfrentá-lo antes dele se apresentar, afinal, como estamos vivendo agora, situações originais aparecem e é preciso lidar com elas. Cabe às pessoas envolvidas com o trabalho utilizar das contingências que caracterizam tanto trabalho quanto problema para desenvolver uma resolução; a autonomia e autoanálise, processos intrínsecos da autogestão, e, por conseguinte da EcoSol, tendem a promover soluções criativas de forma participativa dentro dos coletivos (NASCIMENTO, 2020).

Estamos realizados e contentes com os espaços de intervenção e atuação que estamos construindo e mantendo durante a pandemia. Está sendo uma experiência de grande aprendizado, mesmo em um momento de grande tristeza pela situação que a população do planeta inteiro está enfrentando. O futuro ainda é incerto, mas continuamos trabalhando, da melhor forma que podemos, sempre buscando aprimorar nossas intervenções.

Neste momento de avaliação, do que aconteceu e planejamento do que vai acontecer, vamos manter nossas atividades como estão; organizar mais eventos de formação como o Web-Chimarrão e produzir o que pudermos no que diz respeito à extensão, pesquisa e ensino, para criar precedentes e estabelecer tecnologias para lidar com este tipo de crise global. Sempre de acordo com os princípios da EcoSol e autogestão, afinal, nosso objetivo é promover saúde e reduzir desigualdades, como Paul Singer (2002) coloca: Economia Solidária é desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. **Coronavírus 2019: O que você precisa saber**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 20 set. 2020.

CRUZ, Antonio. **By walking, we make the road - different methodologies of technology incubators of popular cooperatives in Brazil**. In: Review of International Co-operation, Vol. 98, n.1. Geneva (Switzerland): ICA, 2005. pp. 32-48. Disponível em: <https://ccr.ica.coop/sites/default/files/publication-files/2005issue1-1295582354.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

DEJOURS, C. **Trabalho Vivo. Tomo 1, Sexualidade e Trabalho**. Tradução Franck Soudant. Distrito Federal: Editora Paralelo 15, 2012. 216 p.

TIRIBA, Lia. **O Lugar da Economia Solidária na Educação e o Lugar da Educação na Economia Solidária**. In: MELLO, Sylvia Leser de et al. Economia Solidária e Autogestão: Encontros Internacionais. São Paulo, 2007.

NASCIMENTO, **Ensaio sobre autogestão e Educação Popular**. Marília: lutas anticapital. 2020 419 p.

SINGER, P. **Introdução a Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2002. 127 p.